

VANESSA DIFFENBAUGH

MAIS DE
1 MILHÃO DE
EXEMPLARES
VENDIDOS

Uma mulher
inesquecível
com o dom
de mudar a
vida de outras
pessoas



a
Linguagem
das Flores



a Linguagem das Flores



“Um manual da linguagem do amor. Vanessa Diffenbaugh reúne habilmente temas como amor materno, perdão e redenção num buquê literário inesquecível.” – Adriana Trigiani, autora de *A rainha do suprassumo*

“Encantador, sublime e poderosamente envolvente, o romance de estreia de Vanessa Diffenbaugh é o feito de um artista e um testemunho da profusão de mistérios que há no coração humano.” – *Booklist*

“Uma jovem de alma ferida chega à idade adulta e encontra conforto numa linguagem quase esquecida. Lutando contra todos e, por fim, renascendo, Victoria Jones é alguém difícil de amar, mas é muito fácil torcer por ela.” – *Publishers Weekly*

“Um romance fascinante no qual um único ramo de alecrim fala mais do que palavras... *A linguagem das flores* entrelaça habilmente a doçura da descoberta do amor à dor dos erros do passado.” – *Minneapolis Star Tribune*

“Esta obra gloriosa e embebida em esperança fala a todo coração que um dia foi partido ou malcuidado sobre os riscos que corremos em busca de cura, de sermos plenamente humanos, de criar laços. Uma estreia surpreendentemente audaciosa.” – Joshilyn Jackson, autor de *Gods in Alabama*

“Devastador, esperançoso e maravilhosamente escrito, *A linguagem das flores* é um testemunho da sensível misericórdia e do milagroso poder de cura do amor.” – Beth Hoffman, autora de *Saving CeeCee HoneyCutt*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para PK

O musgo é o símbolo do amor materno, porque, como esse amor, ele alegra nosso coração quando o inverno da adversidade nos atinge e nossos amigos de verão nos abandonam.

– Henrietta Dumont, *The Floral Offering*

Sumário

Parte um

Cardo, 9

Parte dois

Um coração inexperiente, 89

Parte três

Musgo, 179

Parte quatro

Recomeços, 245



Parte um
—
Cardo



1



URANTE OITO ANOS, sonhei com fogo. Árvores se incendiavam quando eu passava por elas, oceanos ardiam em chamas. A fumaça adocicada impregnava meus cabelos enquanto eu dormia e, quando eu despertava, o aroma permanecia em meu travesseiro como uma nuvem. Porém, no instante em que meu colchão começou a queimar, acordei sobressaltada. O cheiro forte em nada se parecia com o vapor doce dos meus sonhos; os dois eram tão diferentes quanto o jasmim-neve e o jasmim-carolina, *separação e união*. Inconfundíveis.

Parada no meio do quarto, localizei a origem do fogo. Uma fileira bem ordenada de fósforos se estendia no pé da cama. Eles se acenderam, um após o outro, formando uma cerca de estacas flamejantes à beira do colchão. Quando vi o fogo, senti um terror incompatível com o tamanho das chamas e, por um momento paralisante, voltei a ter 10 anos, com uma sensação de desespero e esperança que nunca antes experimentara e que jamais viria a ter de novo.

Mas o colchão sintético sem lençol não se incendiou como aconteceu com o cardo naquele final de outubro. Apenas chamuscou-se antes que o fogo se apagasse.

Era meu aniversário de 18 anos.

Na sala de estar, uma fileira de garotas inquietas estava sentada no sofá. Elas me olharam de alto a baixo, parando em meus pés descalços, sem queimaduras. Uma delas pareceu aliviada; outra, decepcionada. Se eu fosse ficar mais uma semana, teria memorizado cada expressão. Então me vingaria colocando pregos enferrujados em solas de sapatos ou pedrinhas em tigelas de cereais. Certa vez, cravei a ponta de um cabide de metal no ombro de uma colega de quarto enquanto ela dormia por causa de uma ofensa bem menos grave do que um incêndio premeditado.

Porém, em uma hora eu não estaria mais ali. Todas as garotas sabiam disso.

Uma delas se levantou do meio do sofá. Parecia jovem – uns 15, no máximo 16 anos – e era bonita de um jeito que eu não via sempre: boa postura, pele clara, roupas novas. Não a reconheci de imediato, mas, quando atravessou a sala, notei algo de familiar no modo como se movia, com os braços arqueados, um tanto agressiva. Embora ela tivesse acabado de se mudar para lá, não me era estranha. Então me dei conta de que já havia morado com ela, nos anos que precederam a vida com Elizabeth, quando eu estava mais revoltada e agressiva do que nunca.

Ela parou a poucos centímetros do meu corpo, seu queixo erguido projetando-se no espaço entre nós duas.

– O fogo – disse, com a voz tranquila – foi presente de todas nós. Feliz aniversário.

Atrás dela, as garotas se agitaram no sofá. Uma cobriu a cabeça com um capuz, outra se enrolou um pouco mais num cobertor. A luz da manhã cintilou naquela fileira de olhos baixos e, de repente, elas me pareceram jovens, aprisionadas. As únicas maneiras de sair de um abrigo como aquele eram fugir, ser expulsa por causa da idade ou ser internada numa clínica psiquiátrica. Crianças daquele tipo não eram adotadas; raramente, quase nunca, iam para casa. Aquelas garotas sabiam quais eram suas chances. Em seus olhos, não havia nada além de medo: de mim, de suas colegas, da vida que haviam arranjado para si mesmas ou que o destino lhes reservara. Senti uma inesperada onda de compaixão. Eu estava partindo. Elas não tinham escolha, precisavam ficar.

Tentei forçar minha passagem em direção à porta, mas a garota deu um passo para o lado, bloqueando meu caminho.

– Sai da frente – falei.

Uma moça que trabalhava no turno da noite colocou a cabeça para fora da cozinha. Não devia ter nem 20 anos e estava com mais medo de mim do que qualquer uma das garotas na sala.

– Por favor – disse, em tom de súplica. – É a última manhã dela. Deixe-a passar.

Esperei, preparada, enquanto a garota na minha frente encolhia a barriga, com os punhos cerrados. Mas logo em seguida ela balançou a cabeça e virou as costas. Passei por ela.

Ainda faltava uma hora para Meredith vir me buscar. Abri a porta da

frente e saí. São Francisco amanhecera em meio à neblina, eu sentia o frio piso de concreto da varanda sob meus pés descalços. Detive-me, pensativa. Tinha considerado dar o troco às garotas, algo mordaz e rancoroso, porém me senti estranhamente indulgente. Talvez por ter completado 18 anos e de repente aquilo estar acabado para mim, eu tenha sido capaz de olhar para a ofensa delas com ternura. Antes de ir embora, senti vontade de dizer algo que tirasse o medo de seus olhos.

Desci a Fell Street e dobrei na esquina com a Market. Diminuí o ritmo ao me aproximar de um cruzamento movimentado, sem saber ao certo aonde ir. Em um dia comum, eu teria colhido plantas no Duboce Park, vasculhado o matagal do terreno baldio da Page Street com a Buchanan ou roubado ervas do mercado do bairro. Por mais de uma década, passei cada momento livre decorando os significados e descrições científicas das flores, embora quase nunca tenha usado a maior parte desse conhecimento. Utilizava sempre as mesmas: um buquê de calêndulas, *luto*; um vaso de cardos, *misanthropia*; um pouco de manjerição seco, *ódio*. Minha mensagem raramente variava: um monte de cravos vermelhos para a juíza quando percebi que jamais voltaria para o vinhedo e uma peônia para Meredith, sempre que conseguia encontrá-las. Agora, enquanto procurava uma floricultura na Market Street, eu vasculhava meu dicionário mental.

Três quarteirões depois, cheguei a uma loja de bebidas, onde buquês embalados em papel murchavam em baldes debaixo das janelas gradeadas. Parei em frente à loja. Os arranjos eram quase todos de flores variadas, com mensagens conflitantes. Havia poucas opções de buquês coerentes: rosas vermelhas e cor-de-rosa, um buquê murcho de cravos e, explodindo de seu cone de papel, uma profusão de dalias roxas. *Dignidade*. Soube no mesmo instante que essa era a mensagem que queria transmitir. Virando as costas para o espelho inclinado em cima da porta, enfiei as flores dentro do meu casaco e saí correndo.

Estava sem fôlego quando cheguei de volta ao abrigo. Encontrei a sala de estar vazia e entrei para desembrulhar as dalias. As flores tinham um formato perfeito, com camadas de pétalas roxas de pontas brancas se abrindo a partir dos miolos espremidos no centro, o que lembrava os raios de uma estrela. Arrebentei com os dentes o elástico que as prendia e desembarcei os caules. As garotas jamais entenderiam o significado das dalias (que era por

si só uma declaração ambígua de encorajamento), mesmo assim, senti uma leveza incomum enquanto seguia pelo longo corredor, enfiando um caule na fresta de cada uma das portas fechadas.

Dei as flores restantes para a moça que trabalhava no turno da noite. Ela estava parada à janela da cozinha, esperando sua colega chegar para substituí-la.

– Obrigada – falou, confusa, quando lhe entreguei o buquê.

Ela girou os caules rígidos entre as palmas das mãos.

Meredith chegou às 10 horas, como prometera. Eu estava esperando na varanda, com uma caixa de papelão equilibrada sobre as coxas. Em 18 anos, o que eu mais havia juntado eram livros: o *Dicionário de Flores* e o *Peterson Field Guide to Pacific States Wildflowers*, meu guia de flores silvestres (Elizabeth os enviara para mim um mês depois de eu sair de sua casa); livros de botânica de várias bibliotecas de East Bay, a região ao leste da baía de São Francisco; edições de bolso de poesia vitoriana roubadas de livrarias pouco movimentadas. Pilhas de roupas dobradas cobriam os livros, uma coleção de peças encontradas e roubadas, algumas cabiam em mim, outras não. Meredith estava me levando para um lar provisório chamado *The Gathering House*, no bairro de Outer Sunset. Eu estava na lista de espera desde os 10 anos.

– Feliz aniversário – disse Meredith enquanto eu colocava minha caixa no banco de trás de seu carro.

Fiquei em silêncio. Nós duas sabíamos que aquele podia ou não ser o dia do meu aniversário. O primeiro relatório de meu dossiê registrava minha idade como aproximadamente três semanas. A data e o local de meu nascimento eram desconhecidos, assim como meus pais biológicos. O dia 1º de agosto tinha sido escolhido para fins de emancipação, e não para comemorações.

Eu me afundei no banco do carona ao lado de Meredith, fechei a porta e esperei que ela se afastasse do acostamento. Suas unhas postiças tamborilavam no volante. Afivelei o cinto de segurança. Mesmo assim, o carro continuou parado. Virei-me para encarar Meredith. Não havia tirado o pijama, então levantei meus joelhos vestidos de flanela até o peito e cobri as pernas com minha jaqueta. Corri os olhos pelo teto do carro enquanto esperava que ela dissesse alguma coisa.

– Bem, você está pronta? – perguntou.

Dei de ombros.

– Então é isso – começou Meredith. – Sua vida começa agora. Daqui pra frente, não pode culpar mais ninguém além de si mesma.

Meredith Combs, a assistente social responsável por selecionar as inúmeras famílias adotivas que me devolveram, queria me falar sobre culpa.

2



PRESSIONEI A TESTA contra a janela e fiquei observando as colinas passarem, secas por conta do verão. O carro de Meredith cheirava a fumaça de cigarro e, no cinto de segurança, havia mofo de algo que uma criança tivera permissão de comer ali. Eu tinha 9 anos. Estava no banco de trás, de camisola, com meu cabelo curto desgrenhado. As coisas não estavam saindo como Meredith queria. Ela havia comprado um vestido para a ocasião, azul-claro, com ótimo caimento, enfeitado com bordados e renda, mas eu me recusara a usá-lo.

Meredith olhava para a estrada à sua frente. Ela não me viu destravar o cinto de segurança, baixar a janela e colocar a cabeça para fora até pressionar minha clavícula contra a porta. Erguendo meu queixo contra o vento, fiquei esperando que ela mandasse eu me sentar. Ela olhou para trás, mas não disse nada. Sua boca permaneceu uma linha cerrada e eu não conseguia ver sua expressão por trás dos óculos escuros.

Continuei assim até Meredith pressionar um botão na sua porta que fez a janela subir alguns centímetros sem aviso. O vidro grosso se apertou contra meu pescoço esticado. Saltei para trás, quicando no banco e caindo no chão. Meredith continuou a fechar as janelas até o barulho do vento ser substituído pelo silêncio de dentro do carro. Não olhou para trás. Enroscando-me no carpete sujo, peguei uma mamadeira com leite rançoso debaixo do banco do carona e a atirei contra Meredith. O objeto atingiu seu ombro e ricocheteou de volta para mim, derramando um líquido azedo nos meus joelhos. Ela nem se mexeu.

– Você quer pêssego? – perguntou.

Eu nunca recusava comida e Meredith sabia disso.

– Quero.

– Então volte para o seu lugar, coloque o cinto que comprarei o que você quiser na próxima barraca de frutas que aparecer.

Subi no banco e passei o cinto de segurança em torno da cintura.

Quinze minutos depois, Meredith parou no acostamento e comprou dois pêssegos e uns 200 gramas de cerejas, que contei enquanto comia.

– Eu não deveria lhe dizer isto – começou ela enquanto voltávamos para a estrada.

Meredith falava devagar, prolongando a frase para dar mais efeito. Então fez uma pausa e olhou para mim. Sem desviar o olhar da janela, descansei a bochecha contra o vidro, impassível. Então ela prosseguiu:

– Mas acho que você merece saber. Esta é sua última chance. A última mesmo, Victoria... está me ouvindo? – Não respondi. – Quando você completar 10 anos, o juizado vai declará-la inapta para adoção e nem mesmo *eu* vou continuar tentando convencer as famílias a aceitá-la. Se não der certo desta vez, você irá para um abrigo atrás de outro até a sua emancipação. Apenas me prometa que vai pensar nisso.

Baixei o vidro e cuspi caroços de cereja ao vento. Fazia apenas uma hora que Meredith tinha me buscado e me levado embora de minha primeira estadia em um abrigo. Foi então que percebi que devia ter sido mandada para lá por um motivo – para me preparar para aquele exato momento. Não tinha feito nada para ser expulsa do meu lar adotivo e fiquei no abrigo apenas uma semana até que Meredith foi me buscar a fim de me levar para Elizabeth.

Seria típico de Meredith, pensei, me fazer sofrer para provar que tem razão. A equipe do abrigo tinha sido cruel. Todas as manhãs, o cozinheiro fazia uma garota gorda e negra comer com a blusa levantada até o pescoço, com a barriga saliente exposta, para que não se esquecesse de que não deveria comer demais. Depois, a responsável pelas crianças, Srta. Gayle, escolhia uma de nós para ficar de pé à cabeceira de uma longa mesa e explicar por que nossa família não nos queria. Ela só me escolheu uma vez e, como fui abandonada ao nascer, pude simplesmente dizer: “Minha mãe não queria um bebê.” Outras garotas contavam histórias sobre as coisas terríveis que haviam feito com seus irmãos ou sobre como eram responsáveis por seus pais terem se tornado dependentes químicos e quase sempre choravam.

Porém, se o plano de Meredith ao me colocar no abrigo era que eu ficasse assustada e me comportasse, não tinha dado certo. Apesar da equipe, gostei de lá. As refeições eram servidas em horários fixos, eu dormia com dois cobertores e ninguém fingia que me amava.

Comi a última cereja e cuspi o caroço na nuca de Meredith.

– Apenas pense nisso – repetiu ela.

Como se quisesse me subornar para que eu refletisse sobre o assunto, ela entrou num drive-thru e comprou uma porção de peixe com batatas fritas fumegantes e um milk-shake de chocolate. Comi depressa, fazendo sujeira, enquanto observava a paisagem árida de East Bay se transformar no caos superpovoado de São Francisco e, em seguida, se abrir em uma grande extensão de água. Quando atravessamos a ponte Golden Gate, minha camisola já estava coberta de pêssego, cerejas, ketchup e sorvete.

Passamos por campos secos, por uma fazenda de flores e por um estacionamento vazio até enfim chegarmos a um vinhedo, com as plantas organizadamente enfileiradas sobre as colinas ondulantes. Meredith freou de modo brusco e dobrou à esquerda, pegando uma longa estrada de terra batida e acelerando pelo caminho acidentado como se não pudesse esperar nem mais um instante para me tirar de dentro do carro. Passamos a toda por mesas de piquenique e por carreiras de videiras bem cuidadas, com troncos grossos e os ramos crescendo sobre grades de arame baixas. Meredith diminuiu um pouco a velocidade em uma curva antes de acelerar de novo, levantando poeira, e seguir em direção a um aglomerado de árvores altas no centro da propriedade.

Quando parou e a poeira baixou, vi uma casa de fazenda branca. Tinha dois andares e um telhado pontiagudo, uma varanda envidraçada e cortinas de renda nas janelas. À direita, havia um pequeno trailer e mais de um barracão caindo aos pedaços, com brinquedos, ferramentas e bicicletas espalhados entre eles. Como já havia morado num trailer antes, perguntei-me imediatamente se Elizabeth teria um sofá-cama ou se eu seria obrigada a dividir o quarto com ela. Não gostava de ouvir as pessoas respirando.

Meredith não esperou para ver se eu iria sair do carro espontaneamente. Desafivelou meu cinto de segurança, me agarrou por baixo dos braços e me arrastou até a entrada do casarão, enquanto eu chutava o ar. Esperava que Elizabeth fosse sair do trailer, então estava de costas para a varanda e não a

vi antes de sentir seus dedos ossudos no meu ombro. Com um grito, saí correndo, descalça, até o outro lado do carro e me agachei atrás dele.

– Ela não gosta de ser tocada – ouvi Meredith dizer para Elizabeth com evidente irritação. – Eu avisei. Você precisa esperar que ela se aproxime.

Fiquei com raiva por ela saber disso. Esfreguei a pele onde Elizabeth tinha me agarrado, como se tentasse apagar suas impressões digitais, e continuei atrás do carro, fora de vista.

– Vou esperar – disse Elizabeth. – Falei que iria e não pretendo faltar com minha palavra.

Meredith começou a listar os motivos pelos quais não poderia ficar para nos ajudar a nos conhecermos melhor: um avô doente, um marido preocupado e seu medo de dirigir à noite. Elizabeth ouvia com impaciência, batendo o pé perto do pneu traseiro. Em instantes Meredith iria embora, deixando-me exposta no caminho de cascalho. Eu recuei, engatinhando. Depois de disparar para trás de uma noqueira, levantei-me e saí correndo.

Assim que as árvores acabaram, agachei-me na primeira fila de videiras, escondendo-me no meio de uma delas, especialmente densa. Puxei os galhos soltos para baixo e envolvi meu corpo magro com eles. Do meu esconderijo, ouvia Elizabeth vindo na minha direção e, ajustando os ramos, pude vê-la andando por um dos corredores. Quando ela passou pelo lugar onde eu estava, senti-me aliviada e deixei cair a mão com a qual cobria a boca.

Erguendo o braço, apanhei uma uva do cacho mais próximo e mordi sua casca grossa. Estava amarga. Eu a cuspi e, uma a uma, peguei as outras uvas do cacho e as esmaguei com o pé, o suco jorrando entre meus dedos.

Não vi nem escutei Elizabeth voltar na minha direção. Mas, assim que comecei a esmagar um segundo cacho de uvas, ela enfiou as duas mãos no meio dos galhos e me agarrou pelos ombros, arrancando-me de meu esconderijo. Então, me segurou à sua frente com os braços estendidos. Meus pés balançavam a um centímetro do chão enquanto ela me analisava.

– Eu cresci aqui – falou. – Conheço todos os bons esconderijos.

Tentei me libertar, mas Elizabeth me segurava firme pelos dois braços. Ela colocou meus pés no chão, mas continuou me prendendo com a mesma força. Chutei terra para cima de suas canelas e, como ela não me soltou, dei pontapés em seus tornozelos. Ela não recuou.

Rosnei e tentei morder seu braço esticado, mas ela previu o que eu faria e

agarrou meu rosto. Apertou minhas bochechas até minha mandíbula afrouxar e meus lábios formarem um bico. Doeu e respirei fundo, sugando o ar pela boca.

– Nada de morder – disse, inclinando-se para a frente como se fosse beijar meus lábios rosados e franzidos, mas parou a poucos centímetros do meu rosto, seus olhos escuros perfurando os meus. – Eu gosto de ser tocada. Você vai ter que se acostumar com isso.

Em seguida, abriu um sorriso alegre e soltou meu rosto.

– Não vou me acostumar – jurei. – Nunca.

No entanto, parei de lutar e deixei que ela me arrastasse até a varanda e para dentro da casa fria e escura.

3



EREDITH FEZ UMA CURVA, saindo da Sunset Boulevard e seguindo muito devagar pela Noriega Street, lendo cada uma das placas da rua. Um motorista impaciente buzinou atrás de nós.

Ela vinha falando sem parar desde a Fell Street e a lista de motivos que tornavam minha sobrevivência improvável poderia se estender por metade de São Francisco: não tinha diploma, motivação, ninguém para me apoiar ou o mínimo de competência social. Ela perguntava quais eram os meus planos, exigindo que eu pensasse em minha autossuficiência.

Eu a ignorava.

Sempre tinha sido assim entre nós duas. Quando pequena, eu absorvia seu otimismo tagarela, sentada na beira da cama enquanto ela escovava e trançava meus cabelos castanhos e finos, prendendo-os com uma fita antes de me apresentar como um presente para uma nova mãe ou um novo pai. Mas, com o passar dos anos, à medida que as famílias me devolviam, uma após outra, Meredith parecia perder as esperanças. A maneira carinhosa como costumava pentear meus cabelos se tornou bruta, oscilando ao ritmo dos seus sermões. As recomendações sobre como eu deveria agir se tornavam mais longas a cada troca de lar e o comportamento esperado ficava cada

vez mais distante da criança que eu realmente era. Meredith mantinha uma lista de meus defeitos em sua agenda e os lia à juíza como se fossem condenações. “Distante. Temperamental. Carrancuda. Sem remorsos.” Eu me lembro de cada uma de suas palavras.

Porém, apesar das frustrações, Meredith não desistiu do meu caso. Recusou-se a transferi-lo da unidade de adoções mesmo quando a juíza, cansada de mim, sugeriu, no verão em que completei 8 anos, que talvez ela já tivesse feito tudo o que podia. Meredith negou sem titubear. Por um instante de surpresa e animação, acreditei que sua reação era consequência de algum afeto oculto por mim, mas, quando olhei em sua direção, vi sua pele clara corar de vergonha. Ela era minha assistente social desde que eu tinha sido abandonada; se eu fosse considerada um fracasso, seria o fracasso dela.

Nós paramos em frente à Gathering House, uma casa de estuque cor de pêssego com telhado plano, em uma rua cheia de outras casas de estuque cor de pêssego com telhado plano.

– Três meses – falou Meredith. – Quero ouvir você dizer isso. Quero ter certeza de que entendeu. Três meses de aluguel grátis. Depois disso, ou paga ou vai embora.

Fiquei calada. Meredith saiu do carro e bateu a porta atrás de si.

Minha caixa tinha virado no banco de trás durante a viagem, espalhando minhas roupas sobre o assento. Eu as empilhei de novo em cima dos livros e subi os degraus da entrada atrás de Meredith. Ela tocou a campainha.

Esperamos mais de um minuto até a porta se abrir, revelando um grupo de meninas paradas no hall. Apertei minha caixa contra o peito.

Uma garota baixa, de pernas roliças, com cabelos loiros e longos, abriu a tela de metal e estendeu a mão.

– Eu sou Eve.

Meredith pisou no meu pé, mas não estendi minha mão para cumprimentar a garota.

– Esta é Victoria Jones – falou, empurrando-me para a frente. – Ela faz 18 anos hoje.

O grupo murmurou os parabéns e duas garotas trocaram olhares com as sobrancelhas arqueadas.

– Alexis foi despejada na semana passada – disse Eve. – Você vai ficar no quarto dela.

Ela se virou para me levar até lá e eu a segui por um corredor escuro e acarpetado até uma porta aberta. Depois de entrar, fechei a porta e girei a chave.

O quarto era de um branco ofuscante. Cheirava a tinta fresca e, quando toquei as paredes, elas estavam grudentas. O pintor tinha sido descuidado. O carpete, que um dia fora branco como as paredes, mas tinha se encardido com o uso, estava respingado de tinta junto ao rodapé. Desejei que ele tivesse ido em frente, pintando o carpete todo, o colchão de solteiro e o criado-mudo de madeira escura. O branco era limpo e novo e gostei da ideia de aquelas coisas não terem pertencido a ninguém antes de mim.

Meredith me chamou do corredor. Ela bateu à porta. Depois bateu outra vez. Larguei minha caixa pesada no meio do quarto. Tirei minhas roupas de dentro dela e as empilhei no chão do armário, colocando meus livros sobre o criado-mudo. Quando a caixa estava vazia, rasguei-a em tiras para cobrir o colchão sem lençol e me deitei. A luz se derramava por uma pequena janela e refletia nas paredes, aquecendo a pele de meu rosto, meu pescoço e minhas mãos. Notei que a janela era voltada para o sul, o que favorecia orquídeas e bulbos em geral.

– Victoria? – insistiu Meredith. – Preciso saber quais são os seus planos. Apenas me diga isso e deixo você em paz.

Ignorando o som dos nós de seus dedos contra a madeira, fechei os olhos, até que ela parou de bater. Quando tornei a abri-los, havia um envelope no chão, perto da porta. Dentro dele, havia uma nota de 20 dólares e um bilhete que dizia: *Compre comida e procure um emprego.*

Com a nota de 20 dólares de Meredith, comprei sete galões de leite integral. Todas as manhãs, durante uma semana, eu ia à venda da esquina, comprava o leite e bebia aquele líquido encorpado devagar ao longo do dia enquanto andava pelos parques municipais e pelos pátios das escolas, identificando as plantas da região. Como jamais tinha morado tão perto do mar, esperava estranhar a paisagem. Imaginei que a espessa neblina matinal, que pairava a poucos centímetros do solo, cultivasse uma espécie de vegetação que eu nunca tinha visto. Mas, exceto pelos montes volumosos de babosas perto da orla, com suas flores altas e vermelhas que apontavam para o céu, o que

encontrei foi uma surpreendente ausência de novidades. As mesmas plantas estrangeiras que tinha visto em jardins e viveiros por toda a baía de São Francisco – cambarás, buganvilles, jasmineiros-bastardos, capuchinhas – dominavam a região. A única diferença era o tamanho. Envolvidas pela umidade opaca da costa, as plantas se tornavam maiores, mais vivas e mais selvagens, escondendo as cercas baixas e os barracões de jardinagem.

Quando eu acabava de tomar meu galão de leite, voltava para casa, cortava-o ao meio com uma faca de cozinha e esperava a noite chegar. A terra no canteiro do vizinho era escura e fértil, por isso a transferei para meus vasos de flores improvisados com uma colher de sopa. Depois de fazer buracos no fundo dos galões, eu os deixava no chão, no meio do quarto, onde podiam receber luz do sol por algumas horas no final das manhãs.

Eu iria procurar trabalho; sabia que precisava fazer isso. Mas, pela primeira vez na vida, tinha meu próprio quarto com uma porta que podia trancar e ninguém para me dizer aonde ir ou o que fazer. Antes de começar a procurar emprego, decidi que iria cultivar um jardim.

Ao fim da primeira semana, eu já tinha 14 vasos e vasculhara um raio de 16 quadras para saber quais eram minhas opções. Priorizando flores que desabrochavam no outono, arranquei plantas inteiras de quintais, jardins comunitários e pracinhas. Geralmente voltava para casa a pé, com bolas de raízes lamacentas aninhadas nas mãos, porém mais de uma vez acabei me perdendo ou indo parar longe demais da Gathering House. Quando isso acontecia, eu entrava escondida em um ônibus pela porta de trás, procurava um banco vazio e seguia nele até a vizinhança me parecer familiar. De volta ao meu quarto, separava as raízes arrancadas com cuidado, depois as cobria com terra adubada e as regava abundantemente. A água dos galões era escoada direto no carpete, que a absorvia. Com o passar dos dias, ervas daninhas começaram a brotar em meio à fibra gasta. Eu observava com atenção e arrancava as espécies invasivas quase antes de elas conseguirem irromper da escuridão.

Uma vez por semana, Meredith aparecia para ver como eu estava. A juíza a havia designado como meu *contato permanente*, pois a lei de emancipação exigia que eu tivesse algum tipo de vínculo e não havia mais ninguém na minha vida. Eu me esforçava ao máximo para evitá-la. Ao voltar das minhas caminhadas, observava a Gathering House da esquina e só subia os degraus

da frente se seu carro branco não estivesse parado na entrada. Com o tempo, Meredith percebeu minha tática e um dia, no começo de setembro, abri a porta e deparei com ela sentada à mesa da sala de jantar.

– Onde está seu carro? – perguntei.

– Estacionado do outro lado do quarteirão. Não vejo você há um mês, então deduzi que estivesse me evitando. Tem algum motivo para isso?

– Nenhum.

Andei até a mesa e afastei os pratos sujos que alguém deixara ali. Ao me sentar, coloquei punhados de lavanda – que havia arrancado de um quintal no bairro de Pacific Heights – sobre a madeira riscada entre nós.

– Lavanda – falei, entregando-lhe um ramo. – *Desconfiança*.

Meredith girou o ramo entre o polegar e o indicador e o largou sobre a mesa, desinteressada.

– E o emprego? – perguntou.

– Que emprego?

– Você tem algum?

– Por que teria?

Meredith suspirou. Pegou a lavanda que eu tinha lhe dado e a atirou, com a ponta para frente, na minha direção. A flor caiu de bico como um avião de papel malfeito. Apanhando-a da mesa, alisei suas pétalas amarrotadas com o polegar.

– Você teria um emprego – disse Meredith –, porque procurou, se candidatou e foi contratada. Porque, se não fizer isso, será despejada em seis semanas e ninguém vai abrir a porta para você em uma noite fria.

Olhei para a porta da frente, perguntando-me por quanto tempo ela ainda ficaria ali.

– Você tem que querer – disse Meredith. – Só posso ajudar até certo ponto. No fim das contas, você tem que querer.

Querer o quê? Era o que eu sempre me perguntava quando ela dizia isso. Eu queria que Meredith fosse embora. Queria beber o leite que ficava na prateleira superior da geladeira e que tinha uma etiqueta onde se lia LORRAINE e acrescentar o galão vazio à coleção no meu quarto. Queria plantar a lavanda perto do meu travesseiro e adormecer sentindo seu aroma refrescante.

Meredith se levantou.

– Voltarei na próxima semana quando você menos esperar e quero ver

um monte de formulários de solicitação de emprego na sua mochila. – Ela parou à porta. – Vai ser muito difícil para mim despejar você, mas saiba que é exatamente isso que farei.

Não acreditei que fosse ser difícil.

Fui até a cozinha e abri o freezer. Fiquei revirando rolinhos primavera e croquetes de salsicha congelados até ouvir a porta da frente se fechar.

Passei minhas últimas semanas na Gathering House transferindo o jardim de meu quarto para a McKinley Square, um pequeno parque municipal na parte mais alta do bairro de Potrero Hill. Descobri aquele lugar enquanto andava pelas ruas em busca de cartazes de oferta de emprego e fui distraída pela perfeita combinação de sol, sombra, solidão e segurança do parque. Havia um pequeno playground com chão de areia e um trepa-trepa no meio de um gramado quadrangular bem cuidado, mas, depois dele, o terreno era íngreme e arborizado, com vista para o Hospital Geral de São Francisco e uma fábrica de cerveja. Em vez de continuar procurando emprego, transportei meus galões um por um até aquele local isolado. Escolhi cuidadosamente a disposição de cada planta: as que gostavam de sombra, debaixo de árvores altas; as que precisavam de sol, uns 10 metros colina abaixo, longe da penumbra.

Na manhã do meu despejo, acordei antes do amanhecer em meu quarto vazio. O chão ainda estava úmido e sujo nas partes em que os galões de leite tinham ficado. Minha iminente condição de sem-teto não tinha sido uma decisão consciente. No entanto, quando levantei da cama para me vestir, fiquei surpresa ao descobrir que não estava com medo. Em vez do temor e da raiva que esperava, eu estava tomada de uma ansiedade nervosa, uma sensação parecida com a que experimentava na infância sempre que ia para um novo lar adotivo. Agora, adulta, minhas esperanças para o futuro eram simples: queria ficar sozinha, cercada de flores. Parecia que, enfim, iria conseguir exatamente o que desejava.

Meu quarto estava vazio exceto por três mudas de roupa, minha mochila, uma escova de dentes, gel para cabelo e os livros que Elizabeth tinha me dado. Na noite anterior, eu ficara deitada na cama, ouvindo as meninas que moravam comigo revirarem o restante das minhas coisas como animais famintos devorando os mortos. Este era o procedimento-padrão em lares

provisórios ou abrigos: fazer a limpa nas coisas deixadas para trás por crianças expulsas às pressas, aos prantos. Minhas colegas, embora emancipadas, mantinham a tradição.

Fazia anos – quase 10 – que eu não participava desse ritual, mas ainda me lembrava da emoção de encontrar algo comestível, algo que pudesse vender na escola por um trocado, algo misterioso ou pessoal. Quando estava no ensino fundamental, comecei a colecionar esses pequenos objetos esquecidos como se fossem tesouros – um pingente de prata com a letra *M* gravada; uma pulseira de relógio azul, imitando couro de cobra; um porta-remédio do tamanho de uma moeda de 25 centavos contendo um molar manchado de sangue. Eu os enfiava numa bolsa de tela com zíper que havia roubado de uma lavanderia. Os objetos despontavam dos buracos minúsculos do tecido à medida que a bolsa ficava cheia e pesada.

Durante algum tempo, tentei me convencer de que estava guardando aqueles objetos para seus verdadeiros donos – não para devolvê-los, mas para usá-los em troca de comida ou favores se por acaso voltássemos a nos encontrar em outro abrigo. Porém, à medida que fui crescendo, comecei a me tornar possessiva com a coleção, contando para mim mesma as histórias de cada objeto várias vezes: a época em que morei com Molly, a garota que adorava gatos; a colega de beliche que tivera o braço quebrado ao roubar seu relógio; o apartamento de porão no qual Sarah descobriu a verdade sobre a Fada dos Dentes. Meu apego àquelas coisas não se baseava em nenhum vínculo com as pessoas. Na maioria das vezes eu as evitara, ignorando seus nomes, sua situação e suas esperanças para o futuro. Mas, com o tempo, os objetos começaram a parecer uma série de pistas do meu passado, uma triilha de migalhas de pão e eu tinha a vaga sensação de querer percorrê-la de volta até a origem de minhas lembranças. Então, numa apressada e caótica mudança de lar, fui obrigada a deixar a bolsa para trás. Depois disso, passei anos recusando-me a fazer malas, chegando a cada nova casa de mãos teimosamente vazias.

Comecei a me vestir depressa: duas camisetas, seguidas por três blusas e um blusão com capuz, calça de stretch marrom, meias e sapatos. Meu cobertor de lã marrom não caberia na mochila, então dobrei-o ao meio, amarrei-o em volta da cintura e fiz pregas com alfinetes de segurança mais ou menos a cada 2 centímetros. Juntei a parte de baixo e a preendi em camadas, como um

saiote. Por cima de tudo isso, vesti duas saias de comprimentos diferentes, a primeira longa, rendada e laranja; a segunda, de corte evasê e cor de vinho. Analisei meu reflexo no espelho do banheiro enquanto escovava os dentes e lavava o rosto, satisfeita ao ver que não parecia atraente nem repulsiva. Minhas curvas estavam bem escondidas debaixo das roupas e o corte de cabelo extracurto que eu mesma fizera na noite anterior ressaltava de maneira quase assustadora meus olhos azuis brilhantes – o único traço marcante num rosto que, em todos os outros aspectos, é bastante comum. Sorri para o espelho. Não parecia uma sem-teto. Pelo menos, ainda não.

Detive-me no vão da porta de meu quarto vazio. A luz do sol se refletia nas paredes brancas. Perguntei-me quem o ocuparia em seguida e o que as pessoas iam pensar das ervas que brotavam do carpete próximo ao pé da cama. Se tivesse pensado antes, teria deixado um galão cheio de erva-doce para a próxima garota. A planta sedosa e seu cheiro adocicado seriam reconfortantes. Mas agora era tarde. Balancei a cabeça para me despedir do quarto que não seria mais meu, sentindo uma repentina gratidão pela maneira como o sol batia ali, pela porta com chave, pelo breve privilégio do tempo e do espaço.

Caminei, apressada, para a sala de estar. Pela janela, vi o carro de Meredith já parado na entrada, com o motor desligado. Ela estava observando seu reflexo no retrovisor, com as duas mãos agarradas ao volante. Dei meia-volta, saí escondida pela porta dos fundos e peguei o primeiro ônibus que passou.

Nunca mais vi Meredith.

4



O PÉ DA COLINA, A FÁBRICA de cerveja soltava uma fumaça em direção ao céu dia e noite. Eu observava a brancura se espalhar enquanto arrancava as ervas daninhas e aquela imagem contaminava minha alegria com uma pontada de desespero.

O mês de novembro em São Francisco era ameno e a McKinley Square ficava tranquila. Meu jardim, exceto por uma papoula arbórea sensível, so-

breviveu ao replantio e, pela primeira vez em 24 horas, imaginei que poderia ser feliz com uma vida anônima, escondida em meio à segurança das árvores. Trabalhei o tempo todo de ouvidos atentos, preparada para correr se escutassem passos, mas ninguém se afastou do gramado bem cuidado, ninguém bisbilhotou o matagal onde eu estava agachada. Até mesmo o parquinho ficava vazio, exceto por uns 15 minutos antes das aulas, quando crianças muito bem monitoradas vinham brincar no balanço antes de continuarem a descer a colina. No terceiro dia, eu já conseguia identificar as vozes das crianças. Sabia quem sempre escutava a mãe (Genna), quem era a favorita da professora (Chloe) e quem preferiria ser enterrada viva na caixa de areia a aturar mais um dia de aula (a pequena Greta; se meus ásteres já tivessem florescido, eu teria deixado um balde cheio deles na caixa de areia para ela, tamanha a desolação de sua voz ao implorar para que a mãe a deixasse ficar ali). As famílias não conseguiam me ver, assim como eu não as via, mas, com o passar dos dias, comecei a esperar ansiosamente suas visitas. Passava o início das manhãs imaginando com qual daquelas crianças eu teria sido mais parecida se houvesse tido mãe para me levar à escola todos os dias. Imaginava-me obediente em vez de rebelde, sorridente em vez de emburrada. Perguntava-me se ainda amaria as flores, se ainda teria vontade de ficar sozinha. Essas questões sem resposta giravam em minha cabeça como a água nas raízes dos meus grânios silvestres, que eu regava generosa e frequentemente.

Quando a fome apertava a ponto de me distrair, eu pegava um ônibus e seguia para o Marina District, para a Fillmore Street ou para o bairro de Pacific Heights. Ali, fazia um tour pelos restaurantes chiques, em cujos balcões de mármore eu me demorava, beliscando uma azeitona, uma fatia de bacon canadense ou uma lasca de queijo Havarti. Fazia as perguntas que Elizabeth teria feito: quais azeites de oliva não eram filtrados; quão “frescos” estavam o atum, o salmão e o linguado; se as primeiras laranjas da estação estavam doces. Eu aceitava as porções extras de tira-gosto, fingindo estar indecisa. Então, quando o garçom se virava para atender outro cliente, eu ia embora.

Depois, com minha fome mal saciada, eu andava pelas colinas, procurando plantas que pudesse adicionar ao meu jardim em expansão. Vasculhava tanto jardins particulares quanto parques públicos, esgueirando-me por baixo de dosséis de glórias-da-manhã e flores-da-paixão. Nas raras vezes em que deparava com uma planta que não conseguia identificar, arrancava um ramo e

o carregava depressa até um restaurante cheio, onde esperava algum cliente ir embora para me sentar à sua mesa. Diante dos pratos de lasanha ou risoto deixados pela metade, colocava a pobre planta em um copo d'água gelada, com a haste verde enfraquecida pendendo contra a borda. Enquanto comia os restos, cheios de molho, folheava meu guia de flores, analisando as partes da planta e respondendo metodicamente às questões: *Pétalas numerosas ou não aparentes? Folhas em forma de espada, de coração ou brotando umas das outras? A amostra tem seiva leitosa abundante, com ovário pendendo para um dos lados da flor, ou sem seiva leitosa, com ovário ereto?* Após deduzir a família da planta e memorizar seus nomes comum e científico, eu guardava a flor entre as páginas e olhava à minha volta, em busca de outro prato deixado pela metade.

Na terceira noite, não consegui dormir. Meu estômago vazio roncava e, pela primeira vez, minhas flores não me serviram de consolo. Em vez disso, suas silhuetas na escuridão me lembravam do tempo que eu tivera para procurar um emprego, para começar uma nova vida. Apertei o cobertor contra a minha cabeça e fechei os olhos, cochilando e acordando em seguida, recusando-me a pensar sobre o que faria quando os dias seguintes chegassem.

No meio da noite, acordei sobressaltada, sentindo um cheiro forte de tequila. Meus olhos se abriram bruscamente. Uma urze que eu havia transplantado de um beco transversal à Divisadero Street estendia suas folhas pontuadas sobre minha cabeça. Por entre os tenros botões em forma de sino, vi a silhueta de um homem se inclinar e arrancar um caule do meu helenium. Ao fazer isso, virou sua garrafa de tequila, derramando a bebida sobre o arbusto que me escondia. Uma garota atrás dele estendeu a mão para pegar a garrafa. Ela se sentou no chão de costas para mim e ergueu a cabeça para o céu.

O homem estendeu a flor e, sob a luz do luar, percebi que era jovem demais para beber e até para estar na rua à noite. Ele passou as pétalas pela cabeça e pela lateral do rosto da garota.

– Uma margarida para o meu amor – disse. Estava bêbado.

– Isso é um girassol, seu idiota – respondeu ela, rindo.

Seu rabo de cavalo, amarrado com um laço que combinava com sua blusa e com sua saia plissada, balançou de um lado para o outro. Ela pegou a flor e a cheirou. O pequeno botão cor de laranja estava sem a metade das pétalas; ela arrancou as poucas que restavam até o centro se curvar sob o próprio peso, abandonado no ar noturno, e então o atirou em direção ao mato.

O menino se sentou perto dela. Cheirava a suor disfarçado por perfume barato. Ela jogou a garrafa vazia nos arbustos e se virou para ele.

No mesmo instante, o garoto começou a devorar o rosto dela com um beijo barulhento, enfiando as mãos debaixo de sua blusa. Com a língua, ele a forçou a abrir a boca e pensei que ela fosse engasgar, mas, em vez disso, fingiu gemer e agarrou o cabelo oleoso dele. Senti meu estômago embrulhar, uma fatia de salame subiu até minha garganta. Tapei a boca com uma das mãos e os olhos com a outra, mas continuava a ouvi-los. Os ruídos dos dois se beijando eram molhados e grosseiros e chegavam até onde eu estava com tanta precisão que pareciam dedos vorazes, apertando meus lábios, meu pescoço e meus seios.

Eu me enrosquei em posição fetal, com a cama de folhas estalando sob meu corpo. O casal continuou a se beijar.

Na manhã seguinte, enquanto estava parada no ponto de ônibus, observei uma mulher alta, segurando um vaso cheio de tulipas brancas, pegar uma chave e abrir a porta da floricultura do bairro. Ela acendeu as luzes e a palavra BLOOM, escrita com gravetos, surgiu iluminada por trás na vitrine ampla. Atravessei a rua e me aproximei dela.

– Estão fora de estação – falei, inclinando a cabeça para as tulipas.

A mulher ergueu as sobrancelhas.

– Noivas.

Ela largou o vaso e me encarou como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

Pensei nos namorados enroscados debaixo de minha urze. Eles tinham dormido mais perto de mim do que eu imaginara e, ao acordar, pisei no ombro do rapaz antes de conseguir localizá-los no meio das plantas. Nenhum dos dois se mexeu. Os lábios da garota estavam sobre o pescoço dele como se ela tivesse desmaiado no meio de um beijo. O queixo dele estava apontado para cima, a cabeça recostada em ramos de helenium, como se ele estivesse gostando daquela sensação. Num piscar de olhos, minha ilusão de segurança e solidão havia desaparecido.

– Em que posso ajudá-la? – perguntou a mulher. Ela corria os dedos com impaciência por seus cabelos grisalhos e repicados.

Só então percebi que tinha me esquecido de passar gel no cabelo e torci para que não houvesse folhas presas nele. Balancei a cabeça, constrangida, antes de falar:

– Precisa de uma ajudante?

Ela me olhou dos pés à cabeça.

– Você tem experiência?

Correndo o dedão do pé por uma linha funda no chão de cimento, refleti sobre minha experiência. Potes de geleia cheios de cardo e espigas de babosa presas com fita adesiva não contavam muito no mundo dos arranjos florais. Eu poderia citar um monte de nomes científicos e desfiar as histórias das famílias botânicas, mas duvidei que isso fosse impressioná-la. Balancei a cabeça.

– Não.

– Então, não.

Ela me encarou novamente e seu olhar era tão firme quanto o de Elizabeth costumava ser. Senti um nó na garganta e agarrei o cobertor marrom que usava como saio, com medo de que ele se soltasse e caísse aos meus pés.

– Posso lhe dar 5 dólares para descarregar minha caminhonete – ofereceu ela.

Mordi o lábio e assenti.

Devem ser as folhas no meu cabelo, pensei.

5



BANHO JÁ ESTAVA PREPARADO. Fiquei sem graça ao pensar que Elizabeth sabia que eu ia chegar suja.

– Você precisa da minha ajuda? – perguntou ela.

– Não. – A banheira era de um branco impecável, com o sabonete aninhado entre duas conchas numa bandeja de metal espelhado.

– Então, desça quando estiver pronta. E não demore.

Havia roupas limpas separadas para mim sobre uma penteadeira branca de madeira.

Esperei até ela sair, tentei trancar a porta e notei que o trinco havia sido removido. Empurrei a cadeira pequena da penteadeira e a apoiei debaixo da maçaneta, assim poderia ao menos ouvi-la chegar. Tirei minhas roupas o mais rápido que pude e entrei na água quente.

Quando voltei para o andar de baixo, Elizabeth estava sentada à mesa da cozinha, diante da comida intocada e com o guardanapo no colo. Eu estava vestida com as roupas que ela havia comprado para mim: calça amarela e blusa branca. Elizabeth me olhou dos pés à cabeça, certamente percebendo como tinham ficado enormes. Eu havia enrolado a cintura e as bainhas da calça, mas ainda assim elas estavam tão frouxas que, se a blusa não fosse tão grande, deixariam à mostra minha calcinha. Eu era bem mais baixa do que a maioria das garotas do terceiro ano e tinha perdido quase 2,5 quilos no começo do verão.

Quando contei para Meredith o motivo de minha perda de peso ela me chamou de mentirosa, mas me levou embora assim mesmo, dando início a uma investigação formal. A juíza ouviu minha versão e depois a da Sra. Tapley. *Não vou ser tratada como uma criminosa por me recusar a satisfazer as exigências de uma criança enjoada para comer*, dissera ela em seu testemunho. A juíza declarou que a verdade deveria estar em algum lugar entre as duas versões, encarando-me com um olhar duro e acusador. Mas ela estava errada. A Sra. Tapley havia mentido. Eu tinha mais defeitos do que Meredith poderia listar em seus relatórios para o juizado, mas não era enjoada para comer.

Durante todo o mês de junho, a Sra. Tapley pôs minha fome à prova. Começou assim que cheguei à sua casa, um dia depois do início das férias escolares. Ela me ajudou a desfazer as malas no meu novo quarto e me perguntou qual era minha comida favorita e a de que eu menos gostava. Sua voz era tão gentil que me deixou desconfiada. No entanto, como estava com fome, respondi: pizza e ervilhas congeladas. No jantar daquela noite, ela me serviu uma tigela de ervilhas ainda congeladas. Disse que, se eu estivesse mesmo como fome, comeria. Virei-lhe as costas e me afastei. A Sra. Tapley trancou a geladeira e todos os armários da cozinha.

Durante dois dias, só saí do meu quarto para ir ao banheiro. O aroma da comida sendo preparada entrava por baixo de minha porta regularmente, o telefone tocava e o volume da tevê aumentava e diminuía. A Sra. Tapley não foi falar comigo. Depois de 24 horas, telefonei para Meredith, mas era tão

comum eu falar que estava passando fome que ela não retornou minha ligação. Quando voltei à cozinha na terceira noite, estava suando e tremendo. A Sra. Tapley ficou me observando enquanto eu tentava afastar a cadeira pesada da mesa com meus braços enfraquecidos. Desisti e deslizei meu corpo magrelo pela fresta que as separava, sentando-me no vão entre a mesa e as costas da cadeira. As ervilhas na tigela estavam enrugadas e duras. A Sra. Tapley me fuzilava com o olhar enquanto a gordura estalava no fogão, dando-me um sermão sobre crianças adotadas que comiam demais porque eram traumatizadas. *Comida não é consolo*, disse ela enquanto eu colocava a primeira ervilha na boca. Ela rolou pela minha língua e parou na minha garganta como uma pedra. Comi outra, fazendo força para engolir. À medida que as ervilhas desciam pela minha garganta, eu as contava uma a uma. O cheiro de gordura e de algo fritando me deu forças para continuar. Trinta e seis. Trinta e sete. Depois da 38ª ervilha, vomitei na tigela. *Tente outra vez*, disse ela, gesticulando para as ervilhas semidigeridas. Então, sentou-se em uma banquetta e tirou um bife fumegante da frigideira, abocanhando pedaços quentes e me observando. Tentei outra vez. As semanas seguiram dessa forma até a visita mensal de Meredith. Àquela altura, eu já havia perdido peso.

Elizabeth sorriu quando entrei na cozinha.

– Você é bonita – disse ela, sem tentar disfarçar a surpresa em sua voz. – Era difícil saber debaixo de todo aquele ketchup. Está se sentindo melhor?

– Não – falei, embora não fosse verdade.

Não conseguia lembrar qual tinha sido a última casa em que me haviam deixado usar a banheira. Jackie tinha uma no andar de cima, mas as crianças eram proibidas de subir. Antes disso, houve uma longa série de apartamentos pequenos, os boxes estreitos entulhados de produtos de beleza e crostas de mofo. O banho quente tinha sido gostoso, mas agora, olhando para Elizabeth, eu me perguntava quanto ele me custaria.

Subindo em uma cadeira, eu me sentei à mesa da cozinha. Havia comida suficiente para uma família de seis pessoas. Travessas grandes de macarrão, fatias grossas de presunto, tomates-cereja, maçãs verdes, queijo processado em embalagens de plástico transparentes e até uma colher cheia de pasta de amendoim sobre um guardanapo de pano branco. Era tanta coisa que nem dava para contar. Meu coração batia tão forte que eu até podia ouvi-lo. Meus lábios se curvaram para dentro da boca e os cerrei com uma mordida.

Elizabeth me forçaria a comer tudo o que estava na mesa. E, pela primeira vez em meses, não senti fome. Olhei para ela, esperando a ordem.

– Comida de criança – disse, gesticulando para a mesa, meio sem jeito. – Como eu me saí?

Não falei nada.

– Duvido que esteja com fome – prosseguiu ela, ao perceber que eu não ia responder. – Pelo menos a julgar pelo aspecto da sua camisola.

Balancei a cabeça.

– Coma só o que quiser – falou. – Mas me faça companhia até eu terminar.

Soltei a respiração, momentaneamente aliviada. Baixando os olhos para a mesa, notei um pequeno buquê de flores brancas. Estava amarrado com uma fita lilás e posicionado em cima da minha tigela de macarrão. Anali-sei as pétalas delicadas antes de tirá-lo de cima da comida com um tapa. Minha mente se encheu de histórias que ouvira de outras crianças, sobre envenenamentos e internações. Olhei à minha volta para ver se as janelas estavam abertas, caso eu precisasse fugir. Havia apenas uma na cozinha cheia de armários de madeira branca e utensílios antigos: um quadrado pequeno sobre a pia, com miniaturas de garrafas de vidro azul enfileiradas no peitoril. Estava trancada.

Apontei para as flores.

– Você não pode me envenenar, nem me dar remédios que eu não queira tomar, nem me bater, mesmo que eu mereça. Essas são as regras.

Enquanto falava, olhei com raiva para o outro lado da mesa, esperando que ela tivesse compreendido minha ameaça. Já havia acusado mais de uma pessoa de espancamento.

– Se estivesse tentando envenenar você, lhe daria dedaleiras ou hortênsias, ou talvez anêmonas, dependendo de quanta dor gostaria que sentisse e qual mensagem quisesse transmitir.

A curiosidade venceu minha aversão por conversas.

– Do que você está falando?

– Essas flores se chamam morrião-dos-passarinhos. Elas significam *seja bem-vindo*. Ao lhe oferecer um buquê delas, estou lhe dando as boas-vindas à minha casa, à minha vida.

Ela enrolou um bocado de macarrão na manteiga em seu garfo e fitou meus olhos sem o menor vestígio de deboche.

– Para mim, parecem margaridas – falei. – E ainda acho que são venenosas.
– Não são venenosas e não são margaridas. Está vendo como elas só têm cinco pétalas, mas parecem ter 10? Cada par de pétalas está conectado ao centro.

Pegando o ramalhete, examinei o pequeno arranjo branco. As pétalas se uniam antes de chegar à haste, o que lhes conferia formato de coração.

– Essa é uma característica do gênero *Stellaria* – prosseguiu Elizabeth ao perceber que eu estava entendendo. – Margarida é um nome comum e engloba várias famílias diferentes, mas as flores que costumamos chamar de margaridas têm mais pétalas, que crescem separadas umas das outras. É importante saber a diferença, ou então você pode confundir os significados. Margaridas significam *inocência*, que é bem diferente de *seja bem-vindo*.

– Ainda não entendo do que você está falando.

– Já acabou de comer? – perguntou Elizabeth, pousando o garfo. Eu tinha apenas beliscado as fatias de presunto, mas assenti. – Então venha comigo que vou lhe explicar.

Levantando-se, Elizabeth se virou para atravessar a cozinha. Eu enfiar um punhado de macarrão em um bolso e despejei uma tigela de tomates no outro. Elizabeth parou diante da porta dos fundos, mas não olhou para trás. Puxei minhas meias para cima e escondi o queijo processado dentro delas. Antes de sair da cadeira, peguei a colher com pasta de amendoim, que fui lambendo devagar enquanto seguia Elizabeth. Descendo quatro degraus de madeira, chegamos a um amplo jardim de flores.

– Estou falando da linguagem das flores – disse Elizabeth. – Ela surgiu na era vitoriana, quando as pessoas ainda se comunicavam por meio das flores. Ao receber um buquê de um rapaz, as moças corriam para casa a fim de tentar decifrar sua mensagem secreta. Rosas vermelhas significam *amor*; as amarelas, *infidelidade*. Então os homens precisavam escolher as flores com cuidado.

– O que é infidelidade? – perguntei enquanto dobrávamos para um caminho em que rosas amarelas nos cercavam por todos os lados.

Elizabeth parou de andar. Quando ergui os olhos, vi que sua expressão tinha se tornado triste. Por um instante, pensei que algo que eu dissera a havia perturbado, mas então percebi que seus olhos estavam voltados para as rosas, não para mim. Perguntei-me quem as teria plantado.

– Significa ter amigos... amigos secretos – disse ela por fim. – Amigos que você não deveria ter.

Não entendi a definição, mas Elizabeth já havia seguido em frente, pegando minha colher de pasta de amendoim para me arrastar junto. Puxei a colher de volta e a segui quando ela fez outra curva.

– Este é o alecrim, que significa *lembrança*. Estou citando Shakespeare. Você vai ler sua obra no ensino médio. Temos também a arquilégia, *abandono*; azevinho, *previdência*; lavanda, *desconfiança*.

Chegamos a uma bifurcação e Elizabeth se agachou para passar sob um galho baixo. Acabei de comer a pasta de amendoim com uma lambida lenta e atirei a colher nos arbustos. Pulei para me pendurar no galho e me balançar. A árvore nem se mexeu.

– Esta é uma amendoeira. Suas flores de primavera simbolizam indiscrição... mas você não precisa saber disso. De todo modo, é uma bela árvore – acrescentou ela. – Faz tempo que acho que este seria um ótimo lugar para uma casa na árvore. Vou pedir para Carlos construir uma.

– Quem é Carlos? – perguntei, saltando de volta para o chão.

Elizabeth estava à minha frente e corri para alcançá-la.

– O caseiro. Ele mora no trailer entre os galpões de ferramentas, mas você não vai conhecê-lo esta semana, porque ele foi acampar com a filha. Perla tem 9 anos, é da sua idade. Ela vai cuidar de você na escola, quando as aulas começarem.

– Não vou para a escola – falei, me esforçando para acompanhar seu ritmo.

Elizabeth tinha chegado ao centro do jardim e estava voltando para a casa. Continuava apontando plantas e dizendo seus significados, mas andava rápido demais para que eu pudesse acompanhá-la. Comecei a correr e a alcancei assim que ela chegou aos degraus da varanda dos fundos. Ela se agachou para ficarmos cara a cara.

– Você começa na escola sem ser nessa segunda-feira, na próxima – falou.

– Quarta série. E só vai entrar em casa depois que trouxer minha colher de volta.

Então ela se virou e entrou, trancando a porta atrás de si.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br